



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Porto Alegre - 10 a 12 de Novembro de 2021

IV Colóquio Internacional Fenomenologia e Enfermagem

Realização

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Apoio

Programa de Pós Graduação em Enfermagem - UFRGS

Organização do evento

Escola de Enfermagem - UFRGS

Local / Data

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
10 a 12 de Novembro de 2021

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S471a Colóquio Internacional Fenomenologia e Enfermagem (4. : 2021 : Porto Alegre, RS)

Anais [recurso eletrônico] / 4. Colóquio Internacional Fenomenologia e Enfermagem; Organização: Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Coordenação: Leticia Becker Vieira, Maria da Graça Corso Motta, Márcio Wagner Camata, Leticia Becker Vieira, Tassiane Ferreira Langerdorf . – Porto Alegre: UFRGS, Escola de Enfermagem, 2021.

E-book.

Evento realizado de 10 a 12 de novembro de 2021.

ISBN: 978-65-5973-092-6.

1.Enfermagem - Eventos. I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. III. Vieira, Leticia Becker. IV Título.

CDU 614

CATALOGAÇÃO NA FONTE: NALIN FERREIRA DA SILVEIRA CRB10/2186

O VIVIDO DA MATERNIDADE E PLANEJAMENTO REPRODUTIVO DE MULHERES BOMBEIRAS MILITARES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Autores: Elayne Arantes Elias; Ivis Emília de Oliveira Souza; Letícia Becker Vieira

Introdução: As mulheres foram engajadas no mercado de trabalho de maneira variada ao longo dos últimos 60 anos, com ênfase na alocação da grande maioria delas em certas atividades ditas “femininas” (serviços pessoais, administração pública, saúde). Notou-se também a queda na fecundidade, as mudanças nos padrões familiares e nas atividades domésticas e o aumento da qualificação da força de trabalho⁽¹⁾. O ambiente militar, anteriormente só ocupado por homens, já possui a presença das mulheres, tem estrutura hierarquizada, regras de conduta, comando e obediência e diversidade de missões. Estudiosos também afirmam que a participação feminina nesses espaços se iniciou por volta de 1980 com a maior parte de médicas e enfermeiras e sendo excluídas de certos postos dominados por homens.⁽²⁾ Mesmo diante da multiplicidade dos papéis femininos, o exercício da maternidade se mostra como sendo essencial para muitas mulheres e para isso ser vivenciado de maneira mais consciente, deveria ser planejado, como é orientado no Planejamento Reprodutivo. O Planejamento Reprodutivo é importante para oferecer orientações, propiciar a escolha da mulher/casal quanto aos contraceptivos e promover um cuidado “extensivo e continuado a todas as pessoas que desejam programar a vida reprodutiva⁽³⁾. Além das considerações do trabalho feminino e das diversas possibilidades de inserção da mulher no mercado de trabalho, o planejamento de vida e reprodução das mulheres também deve ser compreendido, pois o cotidiano de vida se refere à pessoa em sua totalidade. **Objetivo:** desvelar o movimento existencial de mulheres militares profissionais de saúde do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ) no vivido do planejamento reprodutivo. **Métodos:** investigação qualitativa, com abordagem fenomenológica de Martin Heidegger, que permite acessar os significados, as experiências humanas reais, descrever os fenômenos e demonstrar a ligação entre o homem e suas vivências⁽⁴⁾. O cenário do estudo foi o Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro nas unidades: um quartel militar, onde atuam as equipes de saúde que realizam o atendimento pré-hospitalar, a coordenação dessas equipes, uma policlínica e uma odontoclínica – que prestam assistência aos militares e seus dependentes. Foi realizada entrevista fenomenológica com 21 mulheres militares. Como critério de inclusão, foi determinado: mulheres militares da equipe multidisciplinar de saúde do CBMERJ, incluindo: dentistas, auxiliares de saúde bucal, enfermeiras e técnicas em enfermagem, assistentes sociais, médicas e psicóloga entre janeiro a março/2016. E de exclusão: as profissionais que estiveram impossibilitadas para o trabalho, ou seja, de licença médica, em gozo de férias ou de licença por outros motivos. A seleção das participantes e a constituição amostral foram aleatórias e intencionais. A realização das entrevistas foi suspensa e considerada suficiente quando os depoimentos das mulheres responderam à questão norteadora, expressaram significados que revelaram facetas do fenômeno pesquisado e, em decorrência, possibilitaram o alcance do objetivo da pesquisa. Isso foi possível porque a etapa de campo é desenvolvida concomitante à análise, mostrando a suficiência de significados expressos nos discursos dos participantes⁽⁵⁾. As entrevistas tiveram início com a seguinte questão: “Como você vivencia ou vivenciou o planejamento reprodutivo? O que isto significa para você? Como é para você, mulher, militar, da equipe de saúde, o planejamento reprodutivo? ”. As entrevistas foram gravadas, mediante consentimento, e as transcrições ocorreram conforme a fala originária. Foi desenvolvida análise compreensiva e interpretativa heideggeriana. A análise dos dados, a partir da orientação proposta por Martin Heidegger⁽⁶⁾, contemplou dois momentos metódicos. O

primeiro, denominado compreensão vaga e mediana, constitui-se em: I) construir as unidades de significação (US), sendo o caput (enunciado) composto pelas expressões dos depoimentos dos casais; II) apresentar os resultados com ilustrações dos depoimentos, seguidas do discurso fenomenológico (descrição do caput). No segundo momento metódico, os significados expressos na análise compreensiva são submetidos à análise interpretativa, na busca pelo desvelar dos seus sentidos. Essa compreensão, à luz do referencial teórico-metodológico de Martin Heidegger, é necessariamente uma interpretação, na qual se discute o já compreendido⁽⁷⁾. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/Universidade Federal do Rio de Janeiro (CEP-EEAN/HESFA/UFRJ) sob o parecer nº 1.310.355 e CAAE: 48359715.9.0000.5238. **Resultados e discussão:** A compreensão vaga e mediana revelou o movimento existencial das mulheres militares profissionais de saúde do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro significando o planejamento reprodutivo no vivido das mulheres bombeiras militares da área da saúde a partir da Unidade de significação (US): “Ter que deixar o filho com alguém para trabalhar e para ir para o plantão, é complicado criá-lo e ainda conciliar os papéis de mulher, militar e profissional de saúde, entretanto, a corporação dá regalias. Compreendeu-se que a mulher militar relaciona o trabalho à vida com o filho e detalha os seus papéis. O cotidiano dela em ter que trabalhar fora, no plantão, dormir fora de casa e não ter o tempo integral para cuidar do filho, a faz pensar na situação de ser mãe. Algumas mulheres contaram com a ajuda de familiares, do companheiro e de outras pessoas que cuidam do filho, como a figura da mãe, mas outras se sentiram sozinhas, tendo que fazer tudo, sem ter com quem contar. As dificuldades em conciliar o cuidado do filho com o trabalho podem ocorrer com ou sem o planejamento reprodutivo, porém, quando não se planeja, a situação pode ser mais difícil. Estudos apontam que para se evitar uma gravidez mal programada ou indesejada, a vontade da mulher deve ser levada em conta. Para isso, é preciso uma linguagem apropriada, na intenção também de não considerar que todos os indivíduos têm um plano com relação à gravidez e relacionado à felicidade e outros sentimentos na maternidade⁽⁸⁾. Quando as mulheres relatam que precisam deixar o filho com alguém para trabalhar e para ir para o plantão, elas demonstram o ser-aí-com as pessoas que dão suporte na criação do filho, sendo elas familiares ou não e se revelam *ser no mundo* com os outros. As depoentes se mostram no sentido da ocupação, quando relatam o cotidiano de serem mulheres com as atribuições, os papéis sociais e o cuidado com a família, além da conciliação com a esfera profissional em serem bombeiras e profissionais de saúde. O ser mulher pode descrever as suas ocupações diárias como o cuidado com ela mesma, os afazeres de casa, o cuidado com o filho e a criação dele, o cuidado com a família e as atribuições fora do lar, no trabalho, no ambiente militar, cuidando também do outro. Essas são singularidades do seu cotidiano em ser-mulher-militar-profissional de saúde. O mundo das ocupações está sempre se movimentando na cotidianidade, que é um modo de ser da presença quando se move numa cultura desenvolvida e diferenciada. É como se mostra na maioria das vezes, como se vive o dia a dia, com os comportamentos da convivência, sendo inevitável e se contentando com os hábitos diários, da vida pública, não sendo, portanto, possível excluí-lo do modo de ser. O planejamento reprodutivo fica atrelado ao momento profissional em que a mulher se encontra, às diversas atividades do dia a dia e à dependência de outras pessoas para ajudá-la. Ele vai além da decisão em ser ou não ser mãe. Planejar a vida reprodutiva significa posicionar o indivíduo/casal na concepção/contracepção e na vida cotidiana, no futuro, no relacionamento, nas ocupações diárias, na vida financeira, porém, nem sempre o planejamento reprodutivo considera esses aspectos. Ter autonomia nesse planejamento ainda está muito mais relacionada à responsabilidade da mulher do que do homem, mesmo que devesse partir de ambos. Por isso, muitas mulheres têm a jornada reprodutiva solitária quanto à contracepção.

É necessário que essa mulher seja apoiada e realize o planejamento reprodutivo através de uma assistência qualificada. O Ministério da Saúde revalida que isso seja através de: ações educativas individuais, em casal ou em grupos; acesso à informações adequadas; disponibilidade de métodos contraceptivos; promoção da regulação da fecundidade de maneira livre e informada; garantia dos direitos reprodutivos a homens e mulheres; dentre outros. A corporação foi demonstrada como tendo regalias para as mulheres mães, por conta do tempo maior de licença. **Conclusão:** A faceta laboral foi refletida, pois compreendeu-se que a mulher que trabalha fora precisa contar com pessoas ao seu redor, do mundo da vida dela para auxiliá-la no cuidado com os filhos. Tendo essa dependência das pessoas, ela se mostra como *ser-com* outros seres, numa relação de proximidade e cotidianidade. A conciliação do trabalho com o cuidado do filho já é praticada em algumas empresas onde as mulheres trabalham e tem onde deixar os filhos durante a jornada, sendo uma espécie de creche, o que tranquiliza a mulher trabalhadora e deveria ser uma ação ampliada. Com o planejamento reprodutivo orientado por profissionais de saúde, supõe-se que as bombeiras profissionais de saúde, que têm maior convívio e acesso ao conhecimento específico sobre os aspectos reprodutivos poderiam colocar em prática esse planejamento, cuidando assim, delas mesmas e de outras mulheres (no caso de profissionais que podem orientar quanto à questão reprodutiva). Essa visão não impõe que o cotidiano dessas mulheres deva ser estruturado devido à realização do planejamento reprodutivo, mas quando algo é pensado e planejado, tende a ter menos dificuldades. Apreendeu-se o caminhar das mulheres nos ambientes militares, antes só ocupados por homens e a importância da atuação delas. Isso possibilita que as ações de saúde integral das mulheres militares sejam incluídas nas políticas públicas, uma vez que é um grupo que vem participando cada vez mais de ambientes militares.

Descritores ou palavras-chave: Mulheres; Trabalho Feminino; Reprodução; Filosofia.

Referências:

1. Guimarães, N A; Brito, M M A de; Barone, L S. MERCANTILIZAÇÃO NO FEMININO: A visibilidade do trabalho das mulheres no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 31, núm. 90, febrero, 2016, pp. 17-39. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Brasil. DOI: <https://doi.org/10.17666/319017-38/2016>
2. Schwether, N D; Pagliari, G C. As novas tendências militares: uma oportunidade para as mulheres? Estudos Internacionais. Belo Horizonte, 2017, ISSN 2317-773X, v.4 n.3, p. 45 -58. DOI: 10.5752/P.2317-773X.2016v4.n3.p45. DOI: [10.5752/P.2317-773X.2016v4n3p45](https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2016v4n3p45)
3. Amorim TV, Souza ÍEO, Salimena AMO, Queiroz ABA, Elias EA. Mulheres com cardiopatia no contexto do planejamento reprodutivo: contribuições da hermenêutica fenomenológica. Escola Anna Nery 24(1) 2020. DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2019-0164
4. Souza, M A de; Cabeça, L P F; Melo, L L. Pesquisa em enfermagem sustentada no referencial fenomenológico de Martin Heidegger: subsídios para o cuidado. Av Enferm. 2018;36(2):230-237. DOI: 10.15446/av.enferm.v36n2.67179
5. Paula CC, Padoin SMM, Terra MG, Souza IEO, Cabral IE. Driving modes of the interview in phenomenological research: experience report. Rev Bras Enferm [Internet]. 2014[cited 2014 Sep 29];67(3):468-72. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v67n3/0034-7167-reben-67-03-0468.pdf>.